

# 1

## Introdução

A proposta desta dissertação é a de explorar, através das crônicas de António Lobo Antunes, as relações entre o homem urbano contemporâneo e seu espaço de viver, buscando salientar e apontar a relevância de seus textos para a compreensão destas relações nas configurações dos tempos atuais. O autor – escritor e psiquiatra português – têm suas crônicas publicadas regularmente na imprensa portuguesa.

Uma das características das crônicas é a de ser “um gênero literário que consiste na apreciação pessoal dos fatos da vida cotidiana”<sup>1</sup>. Esta explanação deixa clara a noção de que estas narrativas carregam nuances próprias de cada autor e de seu ambiente, pois são criadas a partir de sua leitura particular do mundo. Sendo assim, Lobo Antunes imprime em seus textos o cenário do seu tempo, ou seja, suas crônicas falam de personagens e situações que são contemporâneos dele próprio. Este universo abrange as gerações nascidas em meados do século XX, que cresceram após a 2ª Grande Guerra e foram e são testemunhas das radicais mudanças, sociais, econômicas, políticas e tecnológicas que implicaram em grandes transformações do mundo e no dia a dia das cidades. São personagens adultos que vivem permanentemente no limite entre os processos de adaptação constante e as sensações de inadequação às novas situações.

Com a relativização das utopias modernas, vimos cair por terra os castelos das totalidades e as garantias de estabilidade. Desfez-se o mundo perfeito que seria segundo Zygmunt Bauman:

[...] sempre idêntico a si mesmo, um mundo em que a sabedoria hoje aprendida permaneceria sábia amanhã e depois de amanhã[...] um mundo transparente – em que nada de obscuro ou impenetrável se colocava no caminho do olhar[...] nada fora do lugar;[...] 2

---

1 KOOGAN/HOUAISS. Enciclopédia e dicionário. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1995

2 BAUMAN, Zygmund. *O mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. P. 21.

Presenciamos o esgarçamento de ideais políticos e sociais e o surgimento de um sujeito descentrado e sem eixo, com seus antigos valores relativizados e suas referências escasseadas, numa nova sociedade regida por um mercado capitalista em constante expansão. Como não poderia deixar de ser, estas mutações vão se refletir nos espaços e ambientes vividos por esse indivíduo contemporâneo.

Noções como continente e conteúdo, escala e pertencimento, público e privado, passam a fazer parte de uma tela desbotada e emoldurada por valores tênues, centrados em objetivos pessoais que buscam, sobretudo, preencher o sutil desconforto do vácuo estabelecido com o fim das certezas e previsibilidades de nossa vida cotidiana.

A contemporaneidade registra que os antigos projetos de vida foram substituídos pela importância do *ter*, ou seja, a descartabilidade é impulsionada pela veloz e gulosa roleta do mercado, passando a provocar sensações de defasagem e impotência que se compensam através do consumo, o que tende a desencadear um caminho circular, autofágico e contínuo.

A humanidade jamais teve tanto avanço científico e tecnológico a seu serviço e, no entanto, nunca viveu um tempo em que o homem estivesse tão esquecido e desprotegido, tornando-se ele próprio o carrasco e a vítima de seus próprios artificios, estas grandes engrenagens que parecem estabelecer, à primeira vista, três saídas: O primeiro caminho é o da saudade, onde se vive a nostalgia de um mundo-espaço-tempo que se foi. É o caminho da memória como um fim em si mesmo, que acarreta um acúmulo de angústias e frustrações, traduzindo-se num viver ressentido e solitário. O segundo caminho é o do esquecimento, da anestesia, da negação ou da depreciação dos antigos valores, o que acaba por determinar uma constante necessidade de preenchimento de vazios e uma existência vaga e superficial, regida pela velocidade e pelo supérfluo. Trata-se de um moto contínuo que gira sempre sobre a superfície, como uma maquiagem. O terceiro caminho é o da memória como meio, um processo em que o aproveitamento da bagagem adquirida com vivências, transforma-se em matéria prima para uma constante construção.

Lobo Antunes ao construir representações do cotidiano da classe média lisboeta, traz à tona muitas das situações que caracterizam o homem urbano das nossas sociedades. Sua percepção e especialmente observação do desconforto e desajuste do homem contemporâneo faz com que, ao explorar a fundo a vida

urbana lisboeta, ultrapasse as fronteiras culturais e locais dessa cidade, para atingir qualquer leitor contemporâneo.

Acredito mesmo que esta qualidade de ser universal seja devida à feliz associação de um olhar macroscópico, panorâmico e crítico (que vê e sente o conjunto das engrenagens humanas e seu meio), e de um olhar microscópico que descobre e explora o universo de representações contido nos mais simples e corriqueiros objetos.

O autor retoma a visão aguçada e curiosa, típica da criança, e recria este precioso olhar que, na maioria das pessoas, se vai turvando e perdendo a intensidade à medida que avançam em direção ao mundo adulto.

Esta *lente*, característica de Lobo Antunes, parece ser multifocal e a todo o tempo movimentar-se, registrando precisamente muitos dos aspectos do homem, da família e das relações afetivas. O autor confronta os espaços dos personagens, sua casa e o seu mundo, com as mudanças ocorridas nos últimos tempos e, ao mesmo tempo, explora os mecanismos com os quais os personagens gerenciam e suportam as aquisições e as perdas acarretadas por estas transformações. Desta forma, Lobo Antunes consegue articular, através de suas crônicas, uma amostragem de segmentos das sociedades, que faz lembrar os versos do compositor Chico Buarque:

[...] Já te vejo brincando, gostando de ser  
Tua sombra a se multiplicar  
Nos teus olhos também posso ver  
As vitrines te vendo passar

Na galeria  
Cada clarão  
É como um dia depois de outro dia  
Abrindo um salão  
Passas em exposição  
Passas sem ver teu vigia  
Catando a poesia  
Que entornas no chão<sup>3</sup>

Lobo Antunes recolhe fragmentos de gestos, olhares, fatos e situações do cotidiano, para costurar enredos que transformam os pequenos detalhes do dia a dia urbano em revelações da vida contemporânea.

---

3 BUARQUE, Chico. [Compositor]. As Vitrines. In: Almanaque. [SI] : Marola Edições Musicais Brasil, p1981. Faixa 1

Ao esmiuçar ao mesmo tempo o mundo interior e o avesso de seus personagens, o autor alcança a precisão e a nitidez de uma radiografia humana onde tanto a mesquinhez e a pequenez, como as delicadezas e sutilezas são representadas e expostas de tal forma, que não há como resistir a uma identificação imediata do leitor com os personagens e seu mundo.

No quadro vivo que cada crônica encena, nota-se o ruir dos significados e do sentido dos símbolos máximos de segurança contidos na casa natal, na casa materna, no “não-eu que protege o eu”, ou seja, as referências do ninho fartamente exploradas por Gaston Bachelard<sup>4</sup> em *A Poética do Espaço*. Percebe-se também nos textos de Lobo Antunes, uma leitura do homem contemporâneo em sua orfandade, através das maneiras com as quais os personagens transitam num ambiente em que o Estado, a figura do pátrio poder, ou o órgão representante das leis e da ordem, foi sufocado e substituído pela regência de um mercado capitalista. Suas crônicas são como pequenos esquetes em que os personagens vivem no embate com os *casulos* do passado, hoje vazios, à semelhança da realidade contemporânea impessoal e sem afeto dos *Não-Lugares*, de Marc Augé.<sup>5</sup>

---

4 BACHELARD, Gaston. *A poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

5 AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papyrus, 1994.